

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

“DOS QUE TÃO E DOS QUE VEM”: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
TURÍSTICAS NA VILA DA FELICIDADE- MANAUS- AM

Bolsista: Juliana de N. Gomes Sarmiento, CNPq

MANAUS

2010

“DOS QUE TÃO E DOS QUE VEM”: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
TURÍSTICAS NA VILA DA FELICIDADE- MANAUS- AM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB – H - 0088/2009

“DOS QUE TÃO E DOS QUE VEM”: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
TURÍSTICAS NA VILA DA FELICIDADE- MANAUS- AM

Bolsista: Juliana de N. Gomes Sarmiento, CNPq

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

MANAUS

2010

Resumo

O projeto de iniciação científica desenvolvido focalizou as práticas turísticas no espaço urbano, promovidas por grupos sociais, considerando-as como um elemento na transfiguração de espaços e na produção de diferentes territórios, sendo necessário refletir sobre a intrincada rede de relações que a produz e é produzida pelo seu surgimento e desenvolvimento. O objetivo do projeto foi a investigação das práticas turísticas exercidas na Vila da Felicidade, localizada na zona sul de Manaus, no Distrito Industrial, junto ao Porto da Ceasa.. A elaboração de um levantamento histórico sobre o surgimento do bairro, assim como a contextualização da inserção de seus moradores em atividades turísticas e a análise das formas de uso e percepção dos agentes sociais quanto ao desenvolvimento dessas práticas no espaço da Vila da Felicidade também é o foco desta pesquisa. O método etnográfico, como método de pesquisa antropológica utilizado neste trabalho, consiste no relato, na descrição para pontuar características singulares do grupo pesquisado e de uma comunidade em espaço urbano ligada às atividades turísticas realizadas no município de Manaus.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	Descrição Metodológica	17
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
3.1	Alguns dados históricos sobre a Vila da Felicidade.....	18
3.2	A inserção da Vila da Felicidade nas práticas turísticas em Manaus.....	20
3.3	O projeto Ecoturismo Solidário.....	23
4	CONCLUSÕES.....	34
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
6	CRONOGRAMA	39
7	IMAGENS- VILA DA FELICIDADE.	40

1. Introdução

O estudo a ser apresentado refere-se ao modo de introdução de comunidades junto às práticas turísticas realizadas a partir do espaço urbano, refletindo sobre as concepções que orientam tais práticas.

O principal foco da pesquisa são os serviços turísticos oferecidos pelos moradores da Vila da Felicidade, localizada à margem esquerda do Rio Negro, na Zona Sul de Manaus, no Distrito Industrial, próximo ao Porto da Ceasa e ao chamado “Encontro das Águas”, que é um dos pontos turísticos mais visitados e chamativos em Manaus. O Encontro das Águas é o encontro entre os rios Negro e Solimões, sendo um rio de água negra e o outro de água barrenta. A grande chamativa pelo encontro é a maneira como ele se forma, pois as águas não se misturam, assim se tornando grande atração para as pessoas.

Foi realizado um levantamento sobre o modo como foram inseridas essas atividades na Vila, sua análise histórica no local e a relação de seus moradores com sua produção e desenvolvimento, assim como da visão dos agentes sociais sobre a Vila e as práticas turísticas realizadas.

A localidade está inserida no Distrito Industrial onde há um grande fluxo de pessoas e os meios de transportes são constantes. Suas ruas e avenidas recebem os nomes de frutas e peixes, que fazem parte da cultura regional, como Buriti e Açaí, nomes de duas principais avenidas do Distrito.

O Porto da Ceasa é uma referência para a localização da Vila por conta de sua proximidade, sendo um local de constante passagem de pessoas, barcos, lanchas e

balsas que utilizam o porto para transitarem de Manaus para outros municípios ou comunidades próximas, incluindo a BR- 319 que liga Manaus a Porto Velho.

A Vila da Felicidade abriga cerca de 1500 pessoas, tendo um total aproximado de 180 famílias, sendo, boa parte, moradores de longa data no local, cerca de 20 a 25 anos, em sua maioria proveniente do interior do Estado do Amazonas. Observa-se, na Vila da Felicidade, uma intensa relação com o Rio Negro devido, entre outras coisas, pelos serviços e turismo oferecidos, pelo uso do Lago do Cururu que alterna seu tamanho de acordo com o período de vazante ou cheia.

A comunidade utilizava o Lago do Cururu para lavagem de roupas, recreação para as crianças, banho, lazer e a pesca que era um dos meios principais para sobrevivência de uma parte de seus moradores. Porém, após um derramamento de óleo, causado pela Petrobras, estas atividades não puderam continuar. Uma ação judicial foi movida pelo Ministério Público do Estado do Amazonas e Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas, como forma de reparação ao acidente. Com resultados favoráveis, a Petrobras, junto à Associação de Moradores da Vila da Felicidade, financiou um projeto denominado por seus moradores “Auto-sustentabilidade na Vila da Felicidade”, onde está inserido o Ecoturismo Solidário, que se refere a um turismo que é associado ao potencial natural da região amazônica e tem como base a economia solidária.

Esta pesquisa sobre uma comunidade no espaço urbano de Manaus recorrerá aos estudos em Antropologia Urbana, especialmente aqueles sobre localidades brasileiras (MAGNANI, 1996, CASTRO, 1999), procurando também dialogar com estudos internacionais (KRIPPENDORF, 1989, URRY, 1996), com as produções nacionais sobre turismo, considerando sua presença tardia no conjunto dos trabalhos que tem olhado para esse fenômeno nas cidades (CASTROGIOVANNI, 2000; GASTAL, 2001;

BANDUCCI JUNIOR, 2001) e com as produções regionais sobre turismo em Manaus (MONTEIRO, 2005; COSTA, 2007).

Na Vila os chamados problemas sociais fazem parte de seu cotidiano, sendo a maioria da população de baixa renda, e tendo pouca disponibilidade e acesso aos locais de lazer e educação, contando apenas com uma escola de Ensino Fundamental (até a 4ª série), Escola Municipal Vila da Felicidade. Além disso, os incidentes com drogas e violência são constantes. Possui um posto de saúde, mas como a maioria das localidades de periferia de Manaus, apresenta graves problemas de saneamento básico e também de infra-estrutura.

Outra abordagem diz respeito à situação sócio-econômica da comunidade, pensando na problemática da pobreza e turismo (BORGES, 2006). A colocação da importância da associação dos moradores foi discutida na dimensão desta pesquisa, assim como a proliferação de formas associadas de empreendimentos econômicos, no contexto da crise do emprego assalariado estável (PINTO, 2006), o que se constitui como uma estratégia para vencer a exclusão social. Colocando em questão a economia solidária que é como uma novidade política, em razão do resgate da associação no campo das relações econômicas. Retoma-se o associativismo como forma de organização social democrática, que ajuda a criar na sociedade laços e vínculos sociais baseados na cooperação e reciprocidade.

Elementos cívicos fundamentais não apenas para a produção de coesão social e de direitos publicamente legitimados, mas também de desenvolvimento pessoal. Mais do que isso, traz para dentro da economia, normalmente dominadas pelo utilitarismo e pela competição, as dimensões da solidariedade e autonomia, o que acarreta novos caminhos produtivos e distributivos, bem como novos sentidos do trabalho que põem o bem-estar material e subjetivo das pessoas no centro das relações econômicas.

Também a importância da problemática da sustentabilidade, colocada a partir da proposta de “Ecoturismo Solidário”. Conforme Lima e Pozzobon (2005) uma alta sustentabilidade ambiental significa que a ocupação humana não interfere nos processos ecológicos essenciais para o pleno funcionamento do ecossistema. Uma alta sustentabilidade é verificada em uma ocupação que não degrada o ambiente, não provoca alterações microclimáticas, não polui, não destrói habitats, não explora recursos naturais renováveis acima de sua capacidade de regeneração, nem resulta em extinções de espécies.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado trabalho de campo que consiste em observações, entrevistas e utilização precisa da escrita do pesquisador de campo. O relato, as descrições referentes a uma determinada experiência, devem ser realizadas e datadas, para que se obtenha os aspectos relevantes às singularidades que dizem respeito à localidade pesquisada. Para melhor condução da pesquisa etnográfica estão sendo usados como parâmetro os estudos de Malinowski (1980) e Geertz (1989), e, para uma reflexão em relação à pesquisa de campo no Brasil, temos Cardoso de Oliveira (1998) que nos explica claramente quais as principais etapas para o pesquisador junto a seu trabalho de campo, em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”.

A pesquisa foi dividida em etapas, para que fosse realizada sem a perda do foco da coleta e análise de dados. Primeiramente, o levantamento bibliográfico e fichamento de textos que se mostraram relevantes ao enfoque proposto, este fizeram parte da pesquisa até o último momento para dar apoio e orientação à análise do objeto de estudo. Logo em seguida, o trabalho de campo, buscando um levantamento de dados históricos da Vila, seguido de entrevistas com os moradores e conversas informais com os demais agentes envolvidos no contexto.

O estudo sobre a Vila da Felicidade trouxe não só uma pesquisa sobre as condições e atividades exercidas no local, mas também uma nova estimativa de produção e desenvolvimento da comunidade, assim como dos usos do espaço urbano na cidade de Manaus.

2. Fundamentação Teórica

Considerando a questão do turismo no cenário urbano, Castrogiovanni (2001) observa que na cidade os processos de significações são constantes e dinamizados e nem sempre ao turista é permitida a interação com o espaço visitado. Noutras situações, a “escolha” do que é apreendido fica por conta do próprio turista que pode se interessar por ambientes considerados “invisíveis”, já que a “identidade urbana deve ter algum significado para o observador, seja esse significado material ou emocional”.

Gastal (2001) observa que a cultura e suas práticas tornam-se um novo produto turístico, assim como Urry (1996) que apresenta o “pós-turismo “em resposta ao “turismo de massa”, sendo o primeiro retratado pelas experiências mais autênticas em comparação ao último.

Krippendorf (1998) chama atenção para as populações das regiões visitadas, para a relação desenvolvida com a experiência do turismo, quais suas motivações e seus anseios e necessidades. O autor retrata os autóctones como as pessoas que vivem do outro, são os anfitriões voluntários ou involuntários que não apresentam nenhuma relevância ou influência ao turista e o surgimento do turismo transformou a hospitalidade em um modo de sobrevivência, por meio de uma “profissão”.

Este autor observa que, de qualquer forma, é dada maior ênfase a vontade dos visitantes, sem se dar ouvidos aos desejos do povo local que, no fundo, preza pela paz do ambiente – ainda que seja por um curto período de tempo. A atividade turística até permite um ganho considerável para os autóctones, mas esse lucro é mínimo comparado às grandes redes de hotéis, por exemplo.

O que faz com que um indivíduo queira se distanciar do seu cotidiano e se desloque para outro lugar é justamente a busca por experiências prazerosas. O turismo,

então, é entendido como atividades de lazer que pressupõe seu oposto, isto é, um trabalho regularizado e organizado (URRY, 1996).

Conforme nos diz Magnani (1996), a problemática do lazer “surge dentro do universo do trabalho e em oposição a ele: a dicotomia é, na verdade, entre tempo de trabalho e tempo livre ou liberado, e por lazer entende-se geralmente o conjunto de ocupações que o preenchem”. Para este autor, entretanto, o lazer tem uma lógica própria, não existindo apenas em contraposição ao trabalho.

Krippendorf (1998) compreende que é durante a vida diária, no decorrer da semana e do ano, no trabalho que se cria expectativas em relação às férias e se fazem planos.

Urry (1996) – em relação aos lugares – afirma que os mesmos “são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos”. Comenta que o turismo, as férias e as viagens são fenômenos sociais mais significativos do que a maioria das pessoas acredita.

Urry (1996) explica algumas características do turismo como prática social que são consideradas de extrema importância: o turismo como uma atividade de lazer; os relacionamentos turísticos que surgem do movimento de pessoas e sua permanência em uma destinação; a viagem e a permanência em locais fora dos locais normais de residência e trabalho; as motivações do turista; a importância das práticas turísticas nas sociedades modernas; o papel das expectativas e fantasias para o turismo; as características do olhar do turista; a importância na compreensão da semiótica para a construção do olhar do turista; a importância da hierarquização dos objetos do olhar do turista.

Castro (1999) pontifica que o turista viaja motivado acima de tudo pelo prazer da viagem, movido pela curiosidade em apenas visitar algum lugar somente por lazer, não como quando se viaja por certa necessidade, como negócios, tratamento de saúde, dentre outros motivos.

Podendo chamá-los de um tipo social recente, embora sempre tenham existido pessoas que se encaixem a este modo de vida onde a viagem seja tida como prazer e não dever, os estudos sobre este “perfil” de viajantes vieram a ser estudados somente por volta do século XIX, momento em que este novo personagem começou a se generalizar na Europa e nos Estados Unidos.

Quando houve a proliferação desse novo processo cultural, a necessidade de mudanças estéticas e intelectuais foi desenvolvida; as valorizações da natureza, a descoberta de fontes paisagísticas, fizeram com que a noção de lazer fosse diretamente ligada às viagens que proporcionariam formas de se libertar do stress do cotidiano da vida moderna. Com a adaptação dessa nova relação social, os fenômenos de urbanização, a economia, a indústria adotou condições de trabalho e desenvolvimento para que houvesse empreendimentos capitalistas voltados para o turismo. O surgimento de agências de viagens, hotéis modernos, ferrovias, dentre outras fontes, faz com que nasça, então, a indústria do turismo.

A construção de um local como turístico envolve, necessariamente, seleções de elementos, para que este ocorra entram em cena os guias turísticos que são grandes fontes chamativas para alguns locais e grandes responsáveis para formação característica de um determinado local.

Porém, surge a questão onde o turismo comercializado, vulgariza a verdadeira essência da viagem e críticas indicam que a massificação degrada o turismo autêntico. Mas, de forma alguma poderíamos autenticar o turismo, aliás, não seria possível

congelar qualquer experiência, sendo este algo extremamente constante e único a um determinado momento.

Outra questão importante é a problemática da pobreza e turismo, pois a Vila da Felicidade está localizada numa área que compreende uma rica paisagem por conta da vista para o Rio Negro. Porém, sustenta uma condição econômica de baixa renda, com infra-estrutura prejudicada, saneamento básico em situações precárias e, sendo a Vila um local que abriga práticas turísticas por meio de uma proposta de ecoturismo solidário, devemos então buscar bases para conseguir explicar a problemática relação entre o turismo e a pobreza.

Segundo Borges (2006), não há um conceito único para pobreza, assim como não existe uma única forma de medição. Não se trata apenas de insuficiência de recursos monetários, mas de uma questão que agrava a condição de vida do ser humano. Parte, então, do princípio que a atividade turística pode contribuir na redução da desigualdade de renda e da pobreza.

No momento em que certas comunidades descobrem que o turismo traz empregos e renda, as localidades passam a ter interesse. Porém, sem uma preparação para realizar atividades turísticas, ou seja, sem planejamento, o turismo causa mais problemas que vantagens, sejam em âmbito social, econômico, cultural ou ambiental.

A relevância do estudo justifica-se, ainda, pelo fato de existir certo consenso, de que o turismo é uma atividade “limpa”, capaz de crescer rapidamente e, neste processo, garantir à comunidade receptora o aumento de empregos e renda, como se tratasse apenas de uma receita de bolo que pudesse ser reproduzida a qualquer momento e em qualquer lugar.

Nesse sentido, se observa como os aspectos econômicos ainda são supervalorizados em detrimento de todos os outros pelos governos que se lançam nessa

verdadeira corrida do ouro, sem importar-se com as conseqüências negativas intrínsecas a toda atividade econômica, e ignorando, igualmente, que o crescimento econômico, por si só, não é capaz de gerar desenvolvimento.

As condições sócio-estruturais em que se encontra a Vila da Felicidade são desproporcionais aos olhares que podemos chamar convidativos numa visão turística. As principais discussões circulam em volta destas temáticas: as práticas turísticas exercidas na Vila da Felicidade, a problemática da pobreza numa comunidade envolvida com as práticas turísticas e a importância da associação e cooperativismo para a estrutura da comunidade.

2.1. Descrição Metodológica

Sendo estas as principais temáticas a serem discutidas e, assim, analisadas para que haja melhor compreensão em relação às questões que fazem parte de uma discussão que está ligada à Antropologia Urbana, enfatizando as ações sociais dos indivíduos.

Para realizar o estudo foi proposto o uso do trabalho de campo. O método etnográfico, como método de pesquisa antropológica, consiste na escrita do pesquisador de campo. Para melhor construção teórica, o relato, a descrição é essencial para pontuar características singulares de cada grupo pesquisado.

Dentre os estudos clássicos que abordam os modos de se fazer pesquisa na Antropologia a leitura de Malinowski (1980) nos leva a perceber que por parte do investigador deve haver um verdadeiro contato com os nativos, sem a interferência de outros indivíduos. Somente assim, haverá a possibilidade de conhecê-los e familiarizar-se com seus costumes. No entanto, cada um dos fenômenos que constituem esses costumes necessitarão “ser estudados a partir do maior número possível de suas manifestações concretas” e de forma exaustiva.

Já Geertz (1989) define o método etnográfico como constituído pelo estabelecimento de relações, escolha de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campo, elaboração de um diário, etc. No entanto, o autor assinala que, para além de uma questão metodológica, o que determina esse trabalho é o tipo de esforço intelectual empregado, apresentando, assim, um risco elaborado para uma “descrição densa”.

No que diz respeito às referências sobre a pesquisa de campo no Brasil, temos Cardoso de Oliveira (1998) que define a observação participante como a responsável pela caracterização do trabalho de campo antropológico. Em “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” realiza descrição precisa das três etapas a serem realizadas pelo pesquisador, para melhor compreensão dos fenômenos. O olhar, o ouvir

e o escrever se tornam essenciais para a construção de uma pesquisa antropológica. O olhar é a primeira e uma das principais respostas perante as percepções do pesquisador frente ao local a ser analisado.

O olhar é capaz de caracterizar, primeiramente, as relações sociais entre os indivíduos, ligeiramente através do olhar o pesquisador é capaz de obter as formas de relacionamento que justificam as ações e que tipo de sociedade estará sendo pesquisada. Sendo também um forte aliado ao comparar as condições históricas em diferentes períodos numa sociedade. Com base em estudos anteriores, nota-se o desenvolvimento do local por conta da diferenciação das construções arquitetônicas, melhorias em pontos de moradia, trabalho, e lazer. Porém, o olhar não caminha só, perante as construções da pesquisa, ao seu lado está o ouvir.

O ouvir merece uma atenção significativa, pois é por meio dele que a relação entre o lugar pesquisado e a forma com que caracterizam as noções peculiares, será realizada. Para que haja entendimento, o ouvir é a linha que interligará as explicações fornecidas à significação do contexto de vida da sociedade analisada.

O escrever é parte importante a para que o pesquisador possa identificar e durante a finalização da pesquisa possa caracterizar cada aspecto por ele detectado, fará aquilo que na Antropologia é conhecido como “o trabalho de gabinete”.

Baseando- se em Clifford Geertz- “Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor”, podemos resgatar as noções de um trabalho de pesquisa, onde o ato de escrever é a segunda etapa da criação crítica do processo de pesquisa. O olhar e ouvir estão presentes na primeira etapa do trabalho, esta concepção parte da idéia de separar e naturalmente avaliar essas duas etapas bem distintas da investigação empírica.

A primeira implica em caracterizar a relação vivida pelo pesquisador no campo, a segunda seria uma espécie de recordar tudo o que foi trabalhado, ou seja, analisar em

gabinete tudo que no decorrer da pesquisa tenha sido levantado. A noção tecnicamente crítica do pesquisador está precisamente demonstrada para que haja não só uma descrição coesiva sobre o local pesquisado, mas também uma autonomia interpretativa, referente ao estudo.

A metodologia etnográfica adotada para construção da pesquisa e estudos junto à Vila da Felicidade abriga um abrangente processo de pesquisa e árduo trabalho, pois os pontos de estudo sobre o turismo na Vila abrangem uma linha de temas que, ao mesmo tempo em que se interligam, necessitam de abordagem individualizada precisa.

3. Resultados e Discussões

3.1. Alguns dados históricos sobre a Vila da Felicidade

A Vila da Felicidade foi fundada em 1985 por famílias que trabalhavam no entorno do galpão da Companhia Nacional de Abastecimento – CEASA, em área doada e loteada por Jaith Chaves, então Diretor desta Companhia. Jaith Chaves realizou a preparação da área e distribuiu às famílias, sem providenciar saneamento básico, água e luz.

Essas famílias se dedicavam ao pequeno comércio de comidas e bebidas e abriram vários estabelecimentos na recém formada Vila. O comércio de comidas pouco prosperou, mas em função da presença de trabalhadores do porto, carreteiros e marítimos, houve um fortalecimento do comércio de bebidas que trouxe junto, segundo seus moradores, a prostituição e drogas. Isso levou a que a localidade recebesse a denominação de “Vila da Miséria”, inclusive por não ter nem água, nem luz. Junto as famílias vindas do Porto da Ceasa, famílias que moravam no interior do Lago do Cururu, em flutuantes e que se dedicavam à pesca, também passaram a morar na Vila.

Dois anos após sua formação, em 18/05/1987, foi fundada a Associação Comunitária, e os moradores escolheram um novo nome para a localidade – Vila da Felicidade que, no início, fazia referência ‘a alegria e divertimento que era oferecido pelos bares com música. Ao longo dessas décadas, os moradores relatam que tem trabalhado com o objetivo de melhorar as condições de vida na Vila da Felicidade e uma das vias de obter isso tem sido a inserção na economia solidária.

Na localidade, atualmente, vivem quatrocentas famílias, mil e seiscentas pessoas, distribuídas em duzentas e oitenta casas. Organiza-se a partir de três ruas principais – Jaith Chaves, Rio Negro e Solimões. Todas as casas possuem energia elétrica, 90% da água é proveniente de posto artesiano, sendo que a água é armazenada

em tanques e as casas servidas por este meio tem uma hora de água diária que é organizada por cada área, considerando ruas e becos, sendo que cada família paga uma taxa de R\$10,00.

Há, na localidade, o que pode ser considerado, na opinião de seus moradores, uma população mista também composta por pessoas de outros Estados. Hoje somam-se, por exemplo, marítimos que alugam quartos, sem terras, trabalhadores que vem como passageiros nas carretas controlando frigoríficos, sendo que chegam no Porto da Ceasa uma média de oito balsas por semana com oito caminhões, carretas frigoríficas, em cada uma delas, pessoas do interior e de outros Estados e países. Assim, a Vila se configura como uma porta de entrada, especialmente pelo local onde está situada.

Dentre os moradores mais antigos da localidade, Dona Naide Meire da Silva, está há 22 anos no local e descreve que a Vila teve início por meio de uma invasão. Primeiramente, as ruas não eram asfaltadas, não havia saneamento básico e a infraestrutura era decadente. Dona Naide conta que a Vila se formou com 130 moradores, sendo que estes se mudaram logo depois para bairros próximos por conta das compras imobiliárias que ocorreram para que as empresas se instalassem nas proximidades. Também houve a abertura de restaurantes mais próximos do rio, facilitando o fluxo de renda com base no trabalho turístico, nesta época realizado por moradores incumbidos de mostrar a Vila e os pontos turísticos, como os restaurantes, além de atravessar os turistas em lanchas.

Outro morador antigo da localidade, Raimundo da Paz, há 20 anos residindo no local e dono de um restaurante, comentou sobre os projetos da Associação e de grande parte dos moradores, em reerguer a Vila, após um período de esquecimento social por parte dos governos, como observa. Faz parte da Associação dos Moradores da Vila da Felicidade, que trabalha diretamente com as práticas turísticas no local e afirma que

“Daqui uns dias, será uma vila totalmente turística”, considerando também que seu restaurante entrará em reforma para se tornar um hotel.

Os moradores da Vila também trabalham como pequenos comerciantes, a maior parte são funcionários de empresas do distrito e prestadores de serviço da Petrobras, nas empresas da comunidade – Amazonav, Moronguetá e Aroldo Ale. Na feira do Porto, em torno de doze pessoas trabalham prestando serviços como zelador, cozinheiras e na limpeza de banheiros (4 pessoas), há oito famílias que se dedicam à pesca.

3.2. A inserção da Vila da Felicidade nas práticas turísticas em Manaus

Em face a uma discussão em relação ao turismo em localidades urbanas insere-se a busca pelo diálogo entre as noções críticas das ciências sociais e as concepções correntes sobre turismo, sob o ponto de vista das pessoas que oferecem esses serviços, concepções que se aliam ao pensamento de administradores e mesmo dos turismólogos como aqueles que organizam e pensam o turismo como empreendimento econômico.

A Vila da Felicidade nos traz uma discussão complexa, abrangendo desde a questão do turismo, passando pela pobreza que se faz presente no local, que se constituem como pontos essenciais para serem pensados nesta pesquisa.

A movimentação constante e as ricas fontes paisagísticas próximas à Vila, como as vistas que despertam um prazer estético junto ao rio, faz com que a indagação sobre a existência de práticas turísticas na Vila, como relatado e indagado por grande parte da sociedade urbana em Manaus, como também pelos próprios moradores do local seja um ponto a ser discutido.

Os serviços turísticos na cidade de Manaus têm como foco principal oferecer aos visitantes a relação com a natureza. Os principais pontos turísticos urbanos de Manaus

são os grandes monumentos que estão inseridos na história relativa à “Belle Èpoque” e se constituem enquanto territórios não apenas turísticos como o Largo São Sebastião, por exemplo, que é um espaço de sociabilidade da população local.

As atividades realizadas na Vila se inserem na relação homem e natureza e demonstram a forma como outras comunidades vizinhas no entorno do Encontro das Águas também alimentam essa perspectiva oferecendo passeios pela floresta, contato com os animais, além de colocarem suas próprias comunidades como objetos a serem observados (produção de farinha, produção de borracha e artesanatos)

A Vila participa do ciclo turístico na cidade de Manaus, porém não revela tamanho destaque social como outras localizações e atividades oferecidas na cidade. A forma que os moradores da Vila lidam com o turismo não se constitui como uma ligação direta e principalmente a mais viável fonte de renda. Esta ocorre pelo não reconhecimento do local junto aos modos de práticas característicos do turismo na cidade de Manaus. Os moradores da Vila tentam modificar essa visão, para que as práticas turísticas sejam reconhecidas firmemente não só pelo círculo turístico na capital, mas principalmente pelos turistas que buscarão seus pacotes e serviços.

A inserção da Vila da Felicidade em atividades turísticas foi desencadeada devido a um acidente ocorrido no ano de 1999 quando houve um derramamento de óleo não refinado no Lago do Cururu, ocasionado pela Petrobrás. Na época, a água utilizada na Vila era proveniente de poços artesianos, o que inviabilizou seu uso, além de tornar impossível a pesca que era realizada por aproximadamente quinze famílias. Neste relato, pode-se observar o impacto que causou o acidente na Vila da Felicidade:

“A senhora se lembra, não se lembra? Do óleo? Vixe! Isso aqui ficou empestado, essa área todinha, empestado mesmo, que ninguém não podia nem pescar, todo o peixe que a gente pegava não prestava mais, puro óleo, até esse capim aqui era tudo preto, aí a Petrobrás colocou um bocado de gente para trabalhar (...) ainda tem algumas pessoas pra

trabalhar aí, ainda tem algumas pessoas lá para tras ainda, ainda trabalhando, da Petrobras, porque foi da Petrobras esse vazamento(...) Agora já tá mais ou menos, mas logo antes não podia não, pegava aqueles peixes gordo, mas puro a óleo (...) (fala de comunitária E. sobre o acidente no Lago do Cururu– recolhida no Projeto Comunidade Participativa Vila da Felicidade – PIATAM , ISAT, coordenado por Andrea Araújo Ribeiro e Lorena da Silva Benayon).

Neste momento, a Associação de moradores se organizou e entrou com um processo contra a Petrobras, conseguindo uma indenização compensatória. Nas negociações com a Petrobras, Vemaqua, Ministério Público e IPAAM ficou acertado a oferta de cursos profissionalizantes (garçons e garçonetes, cozinheiros regionais, fabricantes de torta gelada e pães caseiros) para atuarem em cooperativas, além de cursos de Educação Ambiental. Fazia parte das negociações com a Petrobras, a construção do Centro Comunitário. Na época, com a assessoria da Unitrabalho, incubadora da UFAM, por meio das professoras Heloisa Helena, Marilene Corrêa e professores da ULBRA (Daniel Nava e Paulo Rocha Farias) viram a possibilidade de ampliar essa proposta e construir o Complexo Socioeconômico, Esportivo e Cultural que, além servir como local de lazer e esporte para os moradores, também abrigaria um Café Regional para geração de trabalho e renda na área de turismo. Além da Cooperativa de Café Regional, foi formada a cooperativa de Canoas Turísticas num projeto chamado Ecoturismo Solidário. Em 2005, o projeto social Ecoturismo Solidário e Desenvolvimento Sustentável foi lançado com o intuito de atingir vinte e quatro famílias, sendo dez famílias na cooperativa de Canoas e catorze famílias no café regional. O projeto, além do apoio da UFAM, contou com a participação do Brasil Local, SEMTRAD, Ministério do Trabalho e Fórum de Economia Solidária de Manaus. O Projeto de Ecoturismo Solidário e desenvolvimento sustentável teve um aporte financeiro de R\$40.000,00 para adquirir as canoas, uma tenda, um computador, um píer.

3.3. O projeto de Ecoturismo Solidário

Segundo a Organização Mundial de Turismo, o turismo movimentava mais de US\$ 3,5 trilhões anualmente, bem como é considerado por vários órgãos de pesquisa como um dos ramos de atividade que mais cresce no mundo, calculando-se que mais de 180 milhões de pessoas vivem direta ou indiretamente dele.

Em vista de gerar interesses distintos, o turismo passou a segmentar-se em áreas diferentes de atuação, surgindo, assim, várias modalidades como turismo cultural, turismo religioso, turismo esportivo, turismo infantil, turismo da terceira idade, turismo gastronômico, turismo rural e o turismo ecológico ou ecoturismo. Este último vem se desenvolvendo muito nos últimos anos, principalmente em países que ainda possuem áreas naturais.

O nome “ecoturismo” é novíssimo, tendo surgido oficialmente em 1985, mas somente em 1987 foi criada a Comissão Técnica Nacional constituída pelo IBAMA e a EMBRATUR, ordenando as atividades neste campo. E, por ser uma atividade nova, ainda não há consenso na sua definição, mas nas “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo”, da EMBRATUR, encontramos a seguinte definição para ecoturismo: “é um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.

Como o Brasil possui ainda regiões relevantes de áreas naturais e é o país de maior diversidade do mundo, seu potencial ecoturístico é muito grande, o que tem proporcionado o desenvolvimento desta atividade, com movimentação de milhões de reais, observando que já há muitos estrangeiros visitando nosso país para conhecer as belezas naturais de nossas florestas e fauna, trazendo divisas importantes.

Cientes de nosso potencial e do interesse de milhões de pessoas nas atividades compreendidas no ecoturismo, os setores público e privado envidaram esforços na

instituição de uma política de desenvolvimento do ecoturismo originado as citadas “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo”, com os seguintes objetivos: compatibilizar as atividades de ecoturismo com a conservação de áreas naturais; fortalecer a cooperação interinstitucional; promover a participação efetiva de todos os segmentos no setor; promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo; promover, incentivar e estimular a criação e melhoria da infra-estrutura para a atividade de ecoturismo e promover o aproveitamento do ecoturismo como veículo de educação ambiental.

Entretanto, a implantação destes objetivos exige por óbvio ações e estratégias apropriadas, como regulamentar esta atividade mediante leis, capacitar o pessoal, trocar experiências entre os setores envolvidos, desenvolver métodos de avaliação e acompanhamento com pesquisas estatísticas e levantamento dos problemas, aprimorar a qualidade dos serviços, implantar estruturas condizentes, fazer divulgação e ainda proceder planos de educação ambiental aos envolvidos, ecoturistas e a população.

O próprio ecoturismo está se diversificando, tanto que já se fala em ecoturismo de aventura, lazer, esportivo. As atividades que compõe o ecoturismo são geradoras de empregos e empreendimentos, como hotéis, pousadas, restaurantes, comércio de artesanatos, comércio em geral entre outros, o que é de suma importância no desenvolvimento de uma região. Portanto, o ecoturismo é um importantíssimo instrumento do desenvolvimento sustentável.

Assim, a Vila adotou o projeto como uma forma de renda para a comunidade, onde os pacotes oferecidos recebem nomes de alguns dos principais rios da Amazônia, integrando atividades ligadas ao meio ambiente:

PACOTE SOL E LUA

1. PACOTE RIO SOLIMÕES

- 1- TOUR NO ENCONTRO DAS ÁGUAS
- 2- IR À BASE DO INPA DO CATALÃO VER VITÓRIA RÉGIA
- 3- PASSEIO NA COMUNIDADE FLUTUANTE
- 4- VIVEIRO DE PIRARUCUS E RESTAURANTE

2. PACOTE RIO NEGRO

- 1- TOUR NO ENCONTRO DAS ÁGUAS
- 2- PASSEIO NA FAZENDA VER VITÓRIA RÉGIA
- 3- COMUNIDADE SÃO JOSÉ E SÃO FRANCISCO NA ILHA DE TERRA NOVA
- 4- IR AO ARTESANATO E RESTAURANTE DE SELVA

3. PACOTE RIO MADEIRA

- 1- TOUR NO ENCONTRO DAS ÁGUAS
- 2- IR AO FAROL DO CANAL PRINCIPAL DOS RIOS NEGRO E SOLIMÕES
- 3- IR AO AMAZON RIVERSIDE HOTEL DE SEL MAINAN DOS JAPONESES
- 4- COMUNIDADE NORTE AMERICANA
- 5- IR AO SÍTIO VER A ÁRVORE SAMAÚMEIRA DE 350 ANOS

4. PACOTE RIO PURUS

- 1- TOUR NO ENCONTRO DAS ÁGUAS
- 2- OPORTUNIDADE DE VER OS BOTOS NO LAGO DO PURAQUEQUARA
- 3- PRAIA REMANSO DO BOTO E RESTAURANTE
- 4- LAGO DA COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO NO PURAQUEQUARA
- 5- PRAIA DE PEDRA DAS LAJES

5. PACOTE RIO JURUÁ

- 1- IR AO JANAUARY
- 2- PASSEIO NA COMUNIDADE
- 3- ARTESANATO E RESTAURANTE

6. PACOTE RIO AMAZONAS

- 1- PRAIA DO TUPÉ
- 2- MUSEU DO SERINGUEIRO
- 3- ARQUIPÉLAGO DE ANAVILHANAS
- 4- VISITA À MALOCA INDÍGENA

Os pacotes são oferecidos na agência da Vila Felicidade, localizada na Feira do Ceasa entre a Vila e o Porto, sendo oferecidos também os pacotes no restaurante Moronguetá, uma das maiores peixarias da cidade e atrações turísticas da Vila da Felicidade. Oferecida pelos agentes e pelos próprios guias, como Arlindo que organizou os pacotes e guia os passeios junto às suas companheiras, duas mulheres que participam das práticas.

A cooperativa Canoas Turísticas Regionais oferece os pacotes acima citados, especialmente o passeio ao Encontro das águas, nos igapós (florestas inundadas em época de cheia.), nos lagos, visita a comunidades tradicionais, como a comunidade flutuante do Catalão e também para a focagem de jacaré. Cada canoa com a capacidade de 15 pessoas. Além de gerar renda para os cooperados, 2% do faturamento bruto da cooperativa seria destinado para comissões da Associação de Moradores.

Outra observação importante a ser realizada a partir dos pacotes apresentados é a intensa relação que a Vila mantém com comunidades do entorno do Encontro das Águas, havendo uma troca constante de serviços e informações. Com a Vila da Felicidade, as demais comunidades formam uma rede para o oferta de serviços turísticos, assim como para a viabilização de projetos e ações para melhoria das condições de vida de seus moradores.

Entretanto, a manutenção dos serviços turísticos geralmente exige um grande esforço tendo em vista os recursos restritos que possuem. Uma das maiores dificuldades tem sido em relação à manutenção do uso do prédio onde funcionava o que eles denominam como grupo produtivo de Eco-Turismo Solidário que pertencia a Administração das Hidrovias da Amazônia Ocidental - AHIMOC, no Porto da Ceasa. Havia uma base de madeira medindo 4,5 x 4,5 junto a esse prédio onde funcionava a tenda que abrigava as Cooperativas Canoas Turísticas, Café Regional e Produção de Artesanato (bio-joias, produção de artesanato com material reciclado, utilizando garrafas pets, lã, papelão, retalhos, napa, esponja) produzidos por moradores da Vila da Felicidade. Esse espaço era disponibilizado para os moradores que tivessem produtos e serviços a serem oferecidos para a população. Antes da ampliação do Porto da Ceasa, na base pertencente a Vila da Felicidade, foi instalado o SOS Ribeirinho (Ambulância) como resultado de uma negociação com a Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas

– SUSAM, tendo em vista que não havia lugar para colocar esse serviço e a Associação Comunitária da Vila da Felicidade se solidarizou diante da importância do atendimento as populações ribeirinhas. Com isso, o grupo produtivo de Economia Solidária passou para o prédio. Posteriormente, após uma enchente, a base de madeira onde o SOS estava instalado foi quebrada por uma balsa. Diante do ocorrido, a Secretaria de Saúde ficou responsável pela recuperação da base, mas isso não ocorreu. Tal situação fez com que o espaço do prédio ficasse dividido entre o grupo produtivo de Economia Solidária e o SOS Ribeirinho.

Como não era possível comercializar os produtos no interior do prédio, optaram por instalar um carro lanche, emprestado por um morador da comunidade, na frente da base de madeira enquanto esta estava sendo reformada. Durante quatro meses, os moradores trabalharam nesta situação. Em relação à reforma, houve a interrupção/embargo da mesma pela Polícia Rodoviária Federal que alegou que não poderia ser construída nenhuma obra em cima de uma estrada federal. Na época, os participantes das cooperativas tentaram esclarecer a Polícia Rodoviária Federal que era um projeto para geração de trabalho e renda da comunidade Vila da Felicidade e, então, eles indicaram que a comunidade encaminhasse um documento ao DENIT para liberação da reforma. Feito isso, pode ser dado prosseguimento a reforma. Quando a reforma foi concluída com os recursos da própria comunidade, seu uso foi impedido devido à demolição para a construção do novo Porto. Nesta situação, não foi permitido nem ao menos recolher os materiais utilizados, madeiras e uma tenda de ferro e lona que, segundo a direção da Associação de Moradores, teria ficado com a construtora Metro Quadrado, responsável pela obra no porto da Ceasa.

Depois disso, iniciou-se a ampliação do Porto da Ceasa e todas as pessoas que trabalhavam ali foram retiradas. Neste momento, os moradores informaram que uma

equipe da Secretaria de Governo do Estado do Amazonas - SEGOV e SEINF realizaram o cadastramento para fazer o remanejamento, colocando os comerciantes num local provisório até a construção da feira coberta com boxes padronizados. O critério utilizado para ter acesso a um box era que as pessoas estivessem ocupando um espaço e trabalhando no local.

No caso do grupo produtivo da Economia Solidária, houve garantias, pelas Secretarias de governo que, quando finalizada a reforma, teriam um espaço na nova feira. Entretanto, quando da entrega dos boxes da nova feira, o grupo produtivo de Economia Solidária, representado por Júlio Cezar Augusto dos Santos, atual presidente da Associação, não foi contemplado, sob alegação de que depois resolveriam a situação e que o espaço da Vila estaria garantido.

Tal situação se prolongou durante um período aproximado de três meses e quando a Associação foi novamente procurar os responsáveis pelo Porto, soube que a administração do mesmo não era mais com a Secretaria de Governo do Estado do Amazonas - SEGOV e sim com a Secretaria Nacional de Portos e Hidrovias – SNPH.

Antes da perda do espaço no Porto, o projeto das canoas teve a participação de dez famílias por aproximadamente sete meses. Nesse ínterim houve também outro problema, pois foi instalada no Porto da Ceasa uma cooperativa que oferecia serviços com canoas de alumínio e motores de 150 hp, bancos revestidos e, sem conseguir avançar, as famílias deixaram de trabalhar nas canoas. Na época, ficaram apenas duas pessoas conduzindo as canoas. Outras famílias passaram a vender salgados, água de côco junto ao Porto.

Não sendo possível manter as famílias que estavam inicialmente no projeto, passaram a trabalhar na base com a venda de produtos artesanais e água gelada, côco gelado e café regional, ficando três pessoas pela parte da manhã com café (das 5h 30 às

9 h). Então, essas famílias saíam e entravam outras três que passavam o dia vendendo suco, água e côco gelado para os turistas. Ao mesmo tempo, esses moradores abordavam os turistas para venda dos pacotes turísticos.

Entrando em ação novamente, a Associação de Moradores se mobilizou para que fosse incluída a Vila da Felicidade na lista de distribuição dos “boxes”. Após muitas reivindicações, a conquista do “box” foi efetivada, fazendo com que as práticas turísticas voltassem a ser realizadas. Foram feitas reformas nas embarcações, assim como parecerias com hotéis, guias, etc. A inauguração do “box” onde funciona a agência de turismo da Vila foi realizada no dia 25 de maio de 2010, já com a disponibilização de pacotes turísticos oferecidos para a população.

Ao longo deste tempo, como forma de se inserirem na economia solidária e manterem os contatos e apoios para seus empreendimentos, a Associação manteve sua filiação a União e Solidariedade das Cooperativas Empreendimentos de Economia Social do Brasil - UNISOL. Além disso, representantes da comunidade participam no Fórum de Economia Solidária de Manaus. O antigo presidente da Associação Comunitária, Senhor João Prestes é representante na Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, e representante do Brasil na América Latina e no Caribe para a Economia Solidária. O Senhor Alvanir é agente de economia solidária no projeto Brasil Local, vinculado a SENAES.

As questões aqui levantadas, em relação às práticas turísticas realizadas na Vila e a relação do turismo com a pobreza, nos trazem considerações extremamente significativas para pensar o desenvolvimento social e cultural para Manaus e para o Estado do Amazonas, abrindo caminhos para que novos estudos sejam elaborados e que suas respostas se introduzam de forma positiva para as comunidades pesquisadas para a melhoria na condição social dos moradores.

Com os estudos realizados junto à Vila da Felicidade pude perceber as carências do local, mas também a grande riqueza que o mesmo nos oferece. Perante os relatos dos moradores, percebi a necessidade de reparos para que primeiramente suas condições de vida possam melhorar e, assim, possam continuar com suas ações dentro da própria comunidade.

Com base nas visitas e entrevistas feitas, percebi que as práticas turísticas na Vila não ocorrem mais com tanta frequência. Após o derramamento de óleo no Igarapé do Cururu surgiu a parceria da Associação de Moradores da Vila da Felicidade com a Petrobras e iniciaram-se as práticas turísticas na Vila, que ocorriam em forma de visitas pela Vila, como também, na maioria das vezes, as travessias pelo rio para as proximidades, como os municípios e comunidades vizinhas, com a utilização de pequenos barcos e lanchas.

Porém, com o passar do tempo e frente ao desenvolvimento do Porto da Ceasa, a disputa entre a cooperativa dos moradores e as grandes empresas com suas lanchas à motor, mais rápidas e com maiores comodidades, fez com que a cooperativa dos moradores e as práticas turísticas entrassem em decadência.

As condições sócio-econômicas da Vila também não foram proporcionais para o desenvolvimento das atividades, a precariedade evidente na Vila faz com que o mal-estar seja rapidamente ligado ao local. Como uma Vila carente pode oferecer conforto aos turistas, já que o local também conta com as problemáticas existentes na maioria das comunidades pobres - a violência, a prostituição e as drogas?

Estas indagações fazem parte dos nossos pontos de estudo. E para que possamos obter respostas, a pesquisa procurou trabalhar esta temática. Desde minha primeira visita à Vila, fiz uso do diário de campo que é essencial na pesquisa etnográfica, para

que o relato fosse feito e as singularidades da comunidade fossem observadas e descritas.

A Vila conta com o apoio da Petrobras, Prefeitura de Manaus e outras empresas ligadas ao turismo. Sendo a Petrobrás o apoio principal, construiu o Complexo da vila, com um campo de futebol e uma área para lazer dos moradores. E, com esse apoio, os moradores vislumbram que a Vila se torne um ponto turístico importante da cidade de Manaus, assim como tem projetos para a copa do mundo.

Nas observações realizadas nesta localidade pude perceber a importância das relações de parentesco, o cooperativismo social entre os moradores, as práticas turísticas, a problemática da pobreza e perceber a invisibilidade social da Vila da Felicidade frente à cidade que se vê como turística

A questão da invisibilidade social se dá por meio de uma espécie de inferioridade de certo local desprovido de maior representação perante um local que apresenta maior interesse econômico, social, etc. ou status para determinados segmentos da sociedade de um modo geral. Na relação entre a Vila da Felicidade e o Porto da Ceasa, por exemplo, este é um local onde o fluxo de meios de transportes varia desde grandes carretas e caminhões, automóveis, motocicletas e transportes fluviais, assim como de pessoas que circulam constantemente e, por conta do papel que ocupa no Distrito Industrial de Manaus, é de suma importância para o mercado e comércio da região e do país.

As práticas turísticas realizadas na Vila da Felicidade dependem essencialmente do Porto da Ceasa, pois, as embarcações e o local responsável para vendas e adesão aos pacotes turísticos estão localizados na porto. O Porto, contendo maior utilização e assim visibilidade, acaba por ofuscar a Vila, fazendo com que haja uma espécie de “troca” ao falarem sobre o turismo realizado pela Vila, dando ênfase somente ao turismo oferecido

no Porto da Ceasa. Isto acaba, de certa forma, prejudicando o desenvolvimento do turismo na Vila da Felicidade.

4. Conclusões

Fazendo uma breve análise sobre a condição encontrada no local, tomando por base as falas dos moradores e suas disponibilizações de informação, pude perceber a ligação das pessoas na comunidade, ocorrendo de forma que os filhos migram das comunidades vizinhas interioranas para a cidade, encontram abrigo na Vila da Felicidade, construindo famílias e estruturas na cidade, logo após seus pais saem de suas cidades em busca de uma condição melhor de vida com base no exemplo dos filhos.

A maioria dos moradores da Vila são oriundos de municípios e comunidades vizinhas à Manaus em busca de melhores condições de trabalho e para maiores fontes de renda e saúde. Sendo assim, a relação de parentesco é muito forte na Vila da Felicidade, revelando então uma grande participação na associação e cooperativismo.

A questão da associação é muito importante para o desenvolvimento da Vila, é através da Associação de Moradores da Vila da Felicidade que a comunidade alcança seus principais resultados para melhoria da Vila, como aconteceu na mobilização quando ocorreu o acidente causado pela Petrobrás no Lago do Cururu.

A Associação de Moradores mobilizou-se e agiu frente à situação causada pelo acidente. No decorrer do processo, o pedido de indenização da Vila foi reivindicado com o intuito de reparação ao mal causado, ocasionando a introdução do “Ecoturismo Solidário”.

O Ecoturismo é uma forma de turismo voltada para a apreciação de ecossistemas em seu estado natural, com sua vida selvagem e sua população nativa. Embora o trânsito de pessoas e veículos seja agressivo ao estado natural desses ecossistemas, os defensores de sua prática argumentam que o ecoturismo contribui para a preservação dos mesmos e para o desenvolvimento sustentável das populações locais, melhorando a qualidade de vida das mesmas.

A implementação dessas atividades geraram as práticas turísticas na Vila, dando origem também as cooperativas de “Café Regional” disponibilizado no “Complexo Vila da Felicidade” e as Canoas Turísticas. Os pacotes eram oferecidos aos turistas e neles continham alguns passeios como a ida ao “Encontro das Águas” e comunidades vizinhas como o Catalão- comunidade flutuante e a Terra Nova onde são confeccionados artesanatos e o manuseio do látex.

Tempos depois o rendimento do turismo não foi o esperado. As lanchas de motor mais lento foram perdendo espaço para as embarcações com motores mais rápidos e que ofereciam mais conforto que as embarcações oferecidas pela Vila.

As práticas turísticas realizadas pela Vila da Felicidade foram obrigadas a serem paralisadas por falta de estrutura, necessitando de uma reforma estrutural e administrativa. Outra problemática enfrentada pela Vila foi a perda do local para serem vendidos seus pacotes de turismo. A Feira localizada entre a Vila e o Porto foi reformada pelo governo estadual e assim distribuídos os “boxes” para vendas. A Vila ficou fora da lista de distribuição.

A forma com que a Vila da Felicidade está inserida frente ao turismo na cidade de Manaus é de certa forma crítica. Pois, a problemática da pobreza está inserida nas condições do local. O fato de a comunidade ser periférica causa uma repulsão ao olhar do turismo e do turista no local. Mas essas questões são desvalorizadas pelos moradores do local como se não fosse a principal interferência para o desenvolvimento do turismo.

A despreocupação sobre essa questão se dá por conta da frequência de moradores de Manaus e de turistas ao Restaurante Moronguetá, embora saibam que há um impacto na visão das pessoas ao se depararem com o contraste causado pela precariedade estrutural e social da Vila. O Moronguetá é um restaurante e peixaria de alta infra-estrutura, um local turístico que recebe todos os anos várias celebridades e

representantes políticos. É como em vários estudos já realizados no Brasil frente à questão da pobreza, a periferia acaba sendo uma fonte de percepção da realidade social.

Segundo os representantes da Vila da Felicidade Júlio César (Presidente da Associação), João Prestes (Integrante da Associação e ex-presidente) e Arlindo (Barqueiro da Vila da Felicidade) há um projeto de reforma do Complexo, para que novamente sejam realizadas as atividades frente ao Café Regional disponibilizado na Vila.

Atualmente, mais precisamente no mês de junho deste ano, as atividades voltadas para o turismo voltaram a ser realizadas pelos moradores da Vila da Felicidade. A venda de pacotes turísticos é feita no “box” localizado na Feira do Porto da Ceasa, onde também disponibilizam a venda de artesanatos confeccionados pela comunidade e comunidades vizinhas.

As expectativas frente às atividades turísticas são as melhores, a visão dos representantes e dos moradores revela uma busca pela melhoria nas condições de trabalho e fontes de renda.

5. Referências bibliográficas

BORGES, Cristiano Araújo. Pobreza e turismo. Monografia (Especialização em Economia do Turismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2006

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: _____. O trabalho do antropólogo. São Paulo – SP, UNESP/ Paralelo 15, 2ª Edição, 1998.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do Turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto. (Org.). Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 80- 87.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: _____. São Paulo: Contexto, 2000.

GASTAL, Susana. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio. (org.). Turismo Urbano 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DOS SANTOS, Antônio Silveira Ribeiro. Ecoturismo e Desenvolvimento- A última Arca de Noé. Acesso < www.ultimaarcadenoe.com/artigo5.htm>, 2008.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GROSSI, Miriam Pillar. “Identidade de Gênero e Sexualidade”. Antropologia em Primeira. Mão, n. 24, 1998.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MAGNANI, J.G.C e TORRES, Lilian de Lucca (orgs,) “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: _____. Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana, São Paulo: EDUSP, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução: objeto, métodos e alcance desta pesquisa”, In: GUIMARAES, Alba Zahur. Desvendando Máscaras Sociais (org). Trad. Olga Lopes Cruz, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980, p. 39-61.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 -Os Pensadores.

PINTO, João Roberto Lopes. Economia Solidária: de volta à arte da associação / João Roberto Lopes Pinto. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

POZZOBON, Jorge; LIMA, Deborah. Amazônia socioambiental sustentabilidade ecológica e diversidade social. Revista de Estudos Avançados 19 (54), 2005.

URRY, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: SESC/Nobel, 1996.

6. CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2009	Set	Out	No v	Dez	Jan 2010	Fev	Ma r	Ab r	Ma i	Jun	Jul
1.	Revisão bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2.	Coleta de material em instituições	X	X	X	X								
3.	Trabalho de campo				X	X	X	X	X	X			
4.	Organização dos dados								X	X	X	X	
5.	Apresentação oral parcial				X								
6.	Apresentação relatório parcial							X					
7.	Elaboração do Resumo e Relatório Final										X	X	X
8.	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												X


Quadro 1: Cronograma referente à realização da pesquisa.

Obs.: As lacunas preenchidas com (x) são os procedimentos propostos a serem realizados.


Obs.:² As lacunas preenchidas com (x) e marcadas com cor realçada (x), são os procedimentos realizados.

Obs.:³ Substituição de bolsista realizada entre os meses Outubro e Novembro de 2009.

7. Imagens da Vila da Felicidade- Manaus-AM



**ENCONTRO
DAS ÁGUAS E DA
SOLIDARIEDADE**



Criado em janeiro de 1999 em Vila da Felicidade, Manaus, o empreendimento Ecoturismo Solidário está incrementando a renda da comunidade, enquanto ensina os turistas a respeitarem e preservarem as belezas da Amazônia. Eles visitam o encontro das águas, as vitórias régias e seringueiras, e passeiam pelos igarapés – a floresta alagada. Dez pessoas estão envolvidas. João Prestes fala a respeito:

– O ecoturismo tem por finalidade a auto-sustentabilidade da nossa comunidade. Em função disso, nós formamos cooperativas, como a das Canoas Turísticas. Além de gerar renda para os cooperados, 2% do faturamento bruto da cooperativa é destinado para comissões que já foram formadas na comunidade. Então, abrem-se novas opções de turismo. Já contamos com 114 pessoas formadas como garçons e garçonetes, cozinheiras regionais, fabricantes de torta gelada e pães caseiros para atuarem nas cooperativas dentro do complexo turístico.

17

Figura 1- Fonte: Economia Solidária: Outra economia acontece! Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social. Brasília: TEM, SENAES, FBES, 2007.

Lançamento do projeto de Ecoturismo solidário na Vila da Felicidade



Cristiano Góes

Canoas turísticas: Geração de emprego e renda para a comunidade no entorno da Reman



Fotos: Cristiane Barbosa

Autoridades durante o lançamento do projeto



Luiz Antonio, fala sobre importância do projeto

A Petrobras por meio da Reman lançou, neste mês de junho, o projeto social Ecoturismo Solidário e Desenvolvimento Sustentável junto à Vila da Felicidade, localizada nas proximidades da refinaria. O objetivo principal da iniciativa é de gerar emprego e renda para a comunidade, beneficiando inicialmente 24 famílias. Com o patrocínio de R\$ 40 mil, o projeto envolve a qualificação e capacitação de comunitários para torná-los aptos a exercer o turismo.

Na oportunidade, aconteceu a inauguração das Canoas Turísticas Regionais, que serão utilizadas para passeios no Encontro das Águas, nos Igapós, na comunidade flutuante do catalão e também para a focagem de jacaré. Cada canoa tem a capacidade para transportar até 15 pessoas.

O lançamento, ocorrido no Porto da Ceasa, contou com a participação de autoridades da Marinha do Brasil, Capitania dos Portos, Delegacia Regional do Trabalho, Secretaria Municipal do Trabalho (Semtra), Universidade Federal do Amazonas, Manaustur e imprensa.

"Hoje é o marco para a comunidade, representando uma certa independência financeiro e o caminho para a sustentabilidade econômica. O patrocínio da Petrobras foi fundamental para o início desse grande projeto", frisou o presidente da comunidade Vila da Felicidade, João Prestes.

O gerente geral da Reman, Luiz Antonio Meirelles, esteve presente no evento, destacando a iniciativa como exemplo para todas as gerações. "É um momento muito importante para nós porque se trata de um projeto de alto impacto sócio-econômico para a comunidade,

fomentando a consciência ambiental, geração de emprego e renda. Esta iniciativa representa um orgulho para toda a força de trabalho da Reman", enfatizou Luiz Antonio.

Gente que faz

Com 18 anos de idade, Michele Dantas, moradora da Vila, já sonha em ser uma guia de turismo na região. A estudante está sendo beneficiada pelo projeto, com a participação em curso de Geografia do Amazonas e em breve, estudará línguas estrangeiras. "Esse projeto é muito importante para mim, pois está me dando oportunidade para meu desenvolvimento profissional", afirmou.

Já o motorista Júlio César, de 36 anos, foi qualificado como Marinheiro Fluvial-Auxiliar de Convés, estando apto a conduzir as canoas. "É uma ótima oportunidade para me qualificar e ter uma forma de ganhar renda extra para garantir o sustento de meus dois filhos e mulher", comemorou.

Figura 2- Fonte: Notícia Reman/Junho de 2005. Economia Solidária 2005



Figura 3- Restaurante e Peixaria Moronguetá, localizado na Vila da Felicidade/ Foto Juliana Sarmiento,2009



Figura 4- Avenida Principal, junto ao Porto da Ceasa- Vila da Felicidade/ Foto Juliana Sarmiento, 2009



Figura 5- Complexo Sócio-Econômico e Cultural da Vila da Felicidade/ Foto Ramon Oliveira, 2009

Passeio ao

Encontro das Águas

O projeto Localiza-se na foz do Rio Negro de frente para o fenômeno do Encontro das Águas dos Rios Negro e Solimões, no corredor central da Amazônia Brasileira.

O projeto de Eco Turismo Solidário e desenvolvimento sustentável tem como objetivo a geração de emprego e renda para a Comunidade da Vila da Felicidade

Canoas Turísticas Regionais

ORGANIZAMOS:

- Pescarias
- Focagem de Jacaré
- Passeio nos Lagos
- Visitas as comunidades tradicionais
- Florestas Inundadas (Igapó) em época da cheia

Pior Flutuante

Endereço: Porto da Ceasa - BR 319
Funciona de Terça a Domingo a partir das 8:00 hs.
Comunidadevilafelicidade@ibest.com.br
Informações: 9176-1001

FILIA DA UNISOL BRASIL

UNISOL

PATROCÍNIO

BR PETROBRAS

Figura 6- Folder: Passeio aos Encontro das Águas Fonte: Associação de Moradores da Vila da Felicidade, 2005- 2010



Figura 7- Agência de Turismo- Economia Solidária Vila da Felicidade/ Foto: Rodrigo Edwards, 2010



Figura 8- Artesanatos disponíveis para venda- Vila da Felicidade/ Foto Rodrigo Edwards, 2010